

**Palavras-chave:** claudicação, membros pélvicos, ortopedia veterinária.

## ANIMAIS DE COMPANHIA

### P-273

#### HAMARTOMA FOLICULAR: RELATO DE UM CASO NA ESPÉCIE CANINA

Geyanna Dolores Lopes Nunes; Kilder Dantas Filgueira

O trabalho objetivou a descrição de um hamartoma folicular em canino. Uma cadela, raça Pinscher, com cinco anos e sete meses de idade, possuía uma proliferação na orelha esquerda, apresentando-se desde o nascimento e com lenta velocidade de crescimento. A paciente foi submetida ao exame físico. Optou-se pela biopsia excisional da lesão. O material obtido foi encaminhado para histopatologia. Clinicamente, o animal revelava normalidade dos parâmetros vitais. Contudo, durante a avaliação dermatológica evidenciou-se um nódulo, de abrangência dermosubcutânea, localizado na face convexa do pavilhão auricular esquerdo, com as dimensões de 1,2x0,8x0,8cm, e que apresentava consistência macia, base de inserção pedunculada, sem aderência a planos profundos, forma irregular e superfície íntegra. Não havia envolvimento de outras regiões tegumentares. A análise histopatológica detectou área nodular pouco delimitada formada pela multiplicação de unidades pilosebáceas uniformes bem diferenciadas (com folículos anágenos gigantes) e rodeadas por tecido colagenoso proliferado compactado. As glândulas sebáceas associadas a eles eram hiperplásicas e as glândulas apócrinas estavam bastante dilatadas e contendo material anfífilo inspissado. Não foram observados sinais de malignidade. O quadro morfológico foi compatível com hamartoma folicular. A cadela exibiu uma adequada recuperação pós-operatória. O hamartoma folicular é uma anomalia congênita não neoplásica e de crescimento desordenado. Tem origem nos componentes celulares do próprio tecido, a partir de um erro inato na resposta celular a mensagens de citocinas locais que atuam na organogênese. Não há predileção por região anatômica, raça ou sexo. Na espécie canina, o aparecimento de tal proliferação é raro e são desconhecidos os dados numéricos referentes à sua incidência. Diferentemente das neoplasias, possui progressão limitada, com retenção das dimensões ao longo do tempo. Tal observação foi similar com o caso descrito. Em caninos com tumorações cutâneas presentes desde a época do nascimento, deve-se incluir o hamartoma folicular como um dos diagnósticos diferenciais.

**Palavras-chave:** *Canis familiaris*, tumor não neoplásico, folículo piloso.

## ANIMAIS DE COMPANHIA

### P-274

#### HEMOAGLUTINAÇÃO INDUZIDA POR EDTA EM UM FELINO

Mirelly Medeiros Coelho<sup>1</sup>; Julieta Volpato<sup>2</sup>; Nádia Cristina Weinert<sup>1</sup>; Cláudio Roberto Scabelo Mattoso<sup>3</sup>; Cristine Elizabeth Kirsten<sup>4</sup>; Mere Erika Saito<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciência Animal UDESC, <sup>2</sup>Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Ciência Animal UDESC; <sup>3</sup>Prof. Departamento de Medicina Veterinária, CAV UDESC, <sup>4</sup>Aluno de Graduação curso Medicina Veterinária, CAV UDESC. E-mail: myrellymvvet@hotmail.com

Um felino fêmea, sem raça definida, seis anos de idade, pesando 4kg, foi atendido no Hospital de Clínica Veterinárias da Universidade do Estado de Santa Catarina (CAV-UDESC), para avaliação pré-operatória (ovariossalpingohisterectomia). O animal se apresentava clinicamente saudável e como conduta pré-operatória foi solicitado hemograma completo. O sangue foi coletado por venopunção jugular e acondicionado em tubo contendo EDTA. Durante o processamento da amostra não foi possível a realização da contagem de eritrócitos por método automático devido a provável aglutinação eritrocitária, dessa forma foi realizada contagem em câmara de Neubauer com a amostra diluída em solução isotônica (PBS pH 7,4). Durante a avaliação microscópica do esfregaço sanguíneo foi observada intensa aglutinação de eritrócitos. O teste de aglutinação em solução salina apresentou aglutinação positiva. O paciente não estava anêmico e/ou icterico, descartando-se assim a anemia hemolítica imunomediada, causa comum de aglutinação eritrocitária em animais. Foi realizada nova coleta de amostras de sangue devido à suspeita de hemoaglutinação induzida por EDTA. As amostras sanguíneas foram acondicionadas em três diferentes tubos com anticoagulantes distintos, um tubo com EDTA 10%, outro com citrato de sódio 3,8% e o último contendo heparina sódica 5000UI/mL. A amostra com EDTA apresentou intensa aglutinação durante a avaliação microscópica do esfregaço sanguíneo, sendo que esta alteração não foi observada nas amostras tratadas com citrato de sódio ou heparina sódica. No teste de aglutinação em solução salina a amostra com EDTA apresentou resultado positivo com intensa aglutinação, já as outras amostras não apresentaram aglutinação eritrocitária, comprovando que o paciente apresentava hemoaglutinação induzida por EDTA. Este achado mostra a necessidade de se reconhecer a hemoaglutinação *in vitro*, prevenindo-se, assim, o diagnóstico errôneo de anemia hemolítica imunomediada e, conseqüentemente, a instalação do tratamento equivocado do paciente.

**Palavras-chave:** anemia hemolítica imunomediada, EDTA, hemoaglutinação.

## ANIMAIS DE COMPANHIA

### P-275

#### HEMOGRAMA DE CAMUNDONGOS BALB/C PORTADORES DO CARCINOMA MAMÁRIO 4T1 TRATADOS COM EXTRATO ETANÓLICO DA ARRABIDAEA CHICA

Brunna Silva Pena; Ana Flávia Ribeiro Machado Michel; Jeane Martinha dos Anjos Cordeiro; Thaís Maria da Silva Costa; Marília Martins Melo

Grande parte dos quimioterápicos em uso induz efeitos indesejáveis como toxicidade para medula óssea, anemia e leucopenia. A avaliação da toxicidade de novas substâncias citotóxicas antitumorais é essencial. O presente trabalho

avaliou o hemograma e leucograma de camundongos Balb/c portadores do tumor 4T1 tratados com três diferentes doses do extrato etanólico da *Arrabidaea chica*, administrado pela via oral por 12 dias. Os animais foram divididos em cinco grupos e inoculados pela via SC com 100ml de uma suspensão celular contendo  $2,5 \times 10^6$  células tumorais viáveis na região do flanco para a obtenção do tumor 4T1 sólido. Os tratamentos foram: extratoetanólico (EE 3, 30 e 300mg/kg), água destilada ou carboplatina (CBP 100mg/kg). Um grupo de animais saudáveis, sem tumor (n=5), foi utilizado como controle. Ao final do experimento, os camundongos foram anestesiados (50mg/kg de cloridrato de quetamina associada a 50mg/kg dexilazina IM) e o sangue colhido pela via intracárdica para realização do hemograma e leucograma. Esfregaços sanguíneos foram corados pelo Maygrunwald-Giemsa para contagem diferencial dos leucócitos. O extrato etanólico nas concentrações testadas não interferiu no número de hemácias, hematócrito (Hc), volume corpuscular médio (VCM), hemoglobina corpuscular média (HCM) e na concentração de hemoglobina corpuscular média (CHCM). O grupo tratado com carboplatina apresentou diminuição não significativa do número de hemácias, hemoglobina e hematócrito sem alterar VCM e CHCM. Da mesma forma, houve redução não significativa dos leucócitos totais, linfócitos e neutrófilos. Acredita-se que o tratamento mais prolongado com esse quimioterápico teria levado os animais a desenvolver um quadro de anemia e linfopenia. O número de leucócitos totais foi significativamente maior no grupo tratado com EE30mg/kg causado pelo aumento significativo dos neutrófilos. O aumento não significativo dos linfócitos possivelmente contribuiu para a leucocitose apresentada pelo grupo. A conclusão obtida foi que o extrato etanólico da *Arrabidaea chica* não altera o hemograma de animais portadores do tumor 4T1, mas interfere no leucograma de forma dose-dependente. Na concentração de 30mg/kg, o extrato etanólico estimula o aumento dos leucócitos totais pela neutrofilia associado à possível linfocitose.

## ANIMAIS DE COMPANHIA

### P-276

#### HEMOPLASMOSE FELINA RELATO DE CASO

Carla Camargo Regus<sup>1</sup>; Leonardo Rocha da Silva<sup>2</sup>; Paula Preussler dos Santos<sup>3</sup>; Fernando Frogner Argenta<sup>1</sup>; Jairo Ramos de Jesus<sup>3</sup>; Cristine Dossin Bastos Fischer<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Médica (o) Veterinária (o) Aluna (o) do PPG – Residente em Medicina Veterinária ULBRA/RS. <sup>2</sup>Acadêmico do curso de Medicina Veterinária ULBRA/RS. <sup>3</sup>Médico Veterinário, MSc., Professor Adjunto do Curso de Medicina Veterinária e do PPG em RMV da ULBRA/RS. <sup>4</sup>Médica Veterinária, Dra., Professora Adjunta do Curso de Medicina Veterinária e do PPG em RMV da ULBRA/RS. Email: carlaregus@gmail.com

O *Mycoplasma haemofelis* é um hemoplasma causador da anemia infecciosa felina, que se apresenta associado à co-infecções com os vírus da Imunodeficiência Felina e o vírus da Leucemia Felina. O presente trabalho é o relato de um caso de hemoplasmose em um felino de três anos, macho, SRD. No exame clínico geral, a temperatura retal era de 38°C, mucosas hipocoradas e ictéricas, e desidratação. No hemograma, hematócrito de 11% com anemia macrocítica normocrômica hemolítica regenerativa, leucopenia, linfopenia e trombocitopenia, nos bioquímicos ALT 8,3 UI/L e uréia 132,3 mg/DL. Ao US abdominal, foi constatado esplenomegalia, fígado com padrão homogêneo, apresentando granulações e com congestão das veias hepáticas e do sistema porta-hepático. Na pesquisa de hemocitozoário, corado com panótico rápido, foram observados cocos eosinofílicos na superfície dos eritrócitos compatíveis com *M. haemofelis*. Como tratamento foi usado Doxiciclina 5 mg/kg BID por

21 dias e indicada transfusão sanguínea. Com a piora do quadro clínico, foi realizada a eutanásia. À necropsia foram observadas alterações macroscópicas externas de caquexia, mucosas ictéricas e lesões internas como icterícia no tecido subcutâneo, linfadenopatia, efusão sanguinolenta na cavidade abdominal, baço com aumento de volume, fígado amarelado, edema e hiperemia pulmonar. O esfregaço sanguíneo é útil para diagnóstico em casos suspeitos de hemoplasmose felina.

**Palavras-chave:** Anemia infecciosa felina, Diagnóstico, *Mycoplasma haemofelis*.

## ANIMAIS DE COMPANHIA

### P-277

#### HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA CONGÊNITA EM FELINO-RELATO DE CASO

Mary' Anne Rodrigues de Souza<sup>1</sup>; Fádua Tawana Reis Souza<sup>2</sup>; Fatima Barreto de Jesus<sup>2</sup>

1-Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciência Animal nos Trópicos/UFBA, Salvador-BA, Brasil. 2-Médica veterinária autônoma

O presente trabalho relata um caso de hérnia diafrágica congênita em um felino macho, sem raça definida, com três anos de idade, atendido na Clínica Veterinária Clinipet, localizada na cidade de Aracaju/SE. A queixa principal era que o animal havia saído e voltou apresentando uma dificuldade respiratória mais intensa que a normal. Durante a anamnese foi constatado que, desde filhote, o felino fora magro, longilíneo para os padrões de um felino, apático, não responsivo ao ambiente de forma que não interagia, não vocalizava e evitava fazer esforços. Conforme foi crescendo as alterações permaneceram e se intensificaram, evoluindo para quadros de dispnéia e cianose. Ao exame clínico, o animal se apresentou dispneico, cianótico, apático, caquético, com pelos eriçados e ausência de volume abdominal. O animal foi encaminhado para avaliação radiográfica das cavidades torácica e abdominal, onde foi constatada a migração do fígado, intestino delgado, estômago, baço e omento para a cavidade torácica, confirmando assim a suspeita de hérnia diafrágica. Foi realizado hemograma e perfil bioquímico (ureia, creatinina, ALT e FA). Sob anestesia inalatória o paciente foi submetido celiotomia. O defeito diafrágico comprometia a região do antímero esquerdo nas porções lombar, costal e esternal. O defeito foi reduzido a partir da aproximação do tecido remanescentes da região dorsal em direção a ventral, com fio de sutura absorvível (catgute cromado 3-0/Point suture®) em padrão de sutura isolado simples. A pressão negativa foi reestabelecida e o pneumotórax residual foi drenado. Após 72 horas o animal foi liberado e um ano após foi reavaliado clinicamente apresentando ganho de peso, crescimento do pelo, vocalização, interagindo com o ambiente e exercitando-se sem nenhum sinal clínico de reincidência. Diante dos achados da anamnese e durante o procedimento associado à evolução clínica pós-operatória conclui-se que o quadro tratava-se de hérnia diafrágica congênita.

**Palavras-chave:** diafragma, cirurgia, sinais clínicos.